

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018



AS PROSTITUTAS NA POESIA LATINA DO SÉCULO I A.C.

Weberson Fernandes Grizoste [UEA]

Resumo: *Este artigo é o resultado de análises de excertos de Horácio, Ovídio, Propércio e Lucrécio sobre a representação na poesia da prostituição em Roma do século I a.C. Faz, para isso, um retorno à Lucílio no século II a.C. e breve incursão na comédia de Platão – de modo a complementar a compreensão da prática sexual conseguida à custas de dinheiro e não de amor.*

Palavras-chave: prostituição, Roma, sexo, literatura.

Antes de mais, é preciso ressaltarmos que a perspectiva da prostituição em Roma chega-nos por um único viés, o da elite masculina (Ackerman, 2015, pg. 1). A prostituição, conforme observou Weisner (2014, pg. 1) tinha-se tornado uma fonte de renda e prazer entre os romanos, mas era vista de forma dicotômica: era aprovada socialmente e suspeita por razões morais. Houveram aí, nesse tempo, leis de controle à prostituição que prejudicaram as prostitutas socialmente e ao mesmo tempo uma indicação de que o estado, e portanto, a comunidade aprovavam suas ações. O ato da prostituição fica aí marcada por sexo, dinheiro e indiferença emocional entre os parceiros.

Há farta literatura sobre a sexualidade romana do século I a.C. O fato de a prostituição, o amor livre e o casamento disputarem o mesmo ato, o sexo, leva-nos a refletir sobre a relação entre sexo e amor. Fá-lo-emos concisamente. Um século antes Lucílio destacava que um dos sintomas da doença do amor é a cegueira, bem como a própria perda do olfato. Dentre outros sintomas da doença do amor em Lucílio e necessários a esta nossa reflexão, Francisco de Oliveira (2009, pg. 21-13) destaca a submissão de homens livres à amantes cujas condições sociais eram iguais e até inferiores. Aqui o perigo está por conta das amantes de relevos negativos: mulheres iradas,

gastadoras e egoístas, capazes de dilapidarem o patrimônio do amante e provocarem a perda de boa fama.

Vindo ao século I a.C., Lucrécio (*vide* Oliveira, 2009, pg. 35,36) fez larga crítica às relações amorosas, mesmo as contraídas por casamento. A cegueira, entre outros sintomas do amor, fazia com que os amantes vissem no defeito de suas amadas verdadeiras sublimidades (4.1157-1170), que mulheres feias e com deformidades gozassem de predileção e apreço dos amantes (4.1141-1156). Não que Lucrécio fosse misógino, apesar das metáforas sexuais em que compara o prazer do sexo das mulheres com o prazer do coito de animais fêmeas, vale ressaltar que aqui ele insiste que o prazer é partilhado «*est communi uoluptas*» (4.1192-1208) – trata-se, por assim dizer, um reconhecimento à mulher, inclusive que ao princípio Lucrécio dizia que nem sempre a mulher suspirasse de amor fingido.

Verdade é que o tema do amor em Lucrécio é quase sempre desfavorável aos amantes. O poeta destaca sempre a cegueira dos homens e a expertise das mulheres e mostra quão grandes males daí podem vir aos homens. Dentre as expertise geral das mulheres, o fingimento é a sua maior arte, o que implica que as prostitutas são as maiores fingidoras. Mas Lucrécio não é o único, Ovídio na *Arx Amatoria* aconselha o fingimento às mulheres (*Arx.* 3.797), e embora também recomenda-o aos homens (*Arx.* 1.613) sabe que às mulheres é conferido em especial esta sensibilidade de Vênus.

A ausência de sentimento da prostituta conjugada ao fingimento que lhe é necessário para a prática sexual torna-se, por assim dizer, o homem uma potencial presa. Soma-se aí uma quantidade de ardis e sutilezas das prostitutas fomentadas por sua própria ganância e pela fraqueza dos amantes, capazes de entregar até a vida. As comédias plautinas estão repletas de homens falidos, desesperados, desprezados pelas prostitutas que agora buscam um novo amante que possa continuar a sustentar a casa. Em *Truculentus*, a prostituta Fronésio foi capaz até de forjar uma gravidez e sequestrar uma criança para ludibriar o soldado Estratófanos – este sequer é capaz de perceber que o prazo de gestação era incompatível com sua ausência. Aí ainda Diniarco e Astáfio dão boas mostras das consequências da prostituição. Diniarco é o exemplo do jovem cidadão que gasta toda herança na casa de prostituição, impedido por Astáfio de entrar no prostíbulo por já não ter nada que oferecer além

de sentimento (coisa que às prostitutas não interessa), lembra-se que ainda tem umas terras e uma casa. Astáfio prontamente convida-o a entrar, e o discurso que antes era inflamado torna-se manhoso. Astáfio sabe fingir-se bem, declara que Fronésio, apesar de ter parido um filho de Estratófanos recentemente, ama unicamente a Diniarco (145-190).

Um dado interessante no *Truculentus* é que Plauto confere traço de humanidade à prostituta. Fronésio, apesar de nem ser mãe, confia ao público que apenas pelo ato de ser chamada de mãe, mais se apega a criança e reclama que até as vestes de prostitutas estão mudadas para uma mais pudorosa (448-463). Plauto de fato dá grande atenção às prostitutas. Ernout² catalogou as personagens femininas plautinas e identificou 15 prostitutas. Dada a particularidade da comédia, em Plauto temos o retrato mais detratador da prostituta; na poesia encontraremos melhor alento.

Retornando à poesia, no Século II a.C., Lucílio conferiu às prostitutas um amor saudável, física e a baixo custo, chegando inclusive a atestar a existência de tráfico de sexo na antiguidade clássica. A relação estranha entre o amor e o sexo fica latente. Dá-se a entender que o amante ativo é sempre vítima dos sentimentos; já o amante passivo é quem oferece riscos à vítima. Haverá sempre riscos, mas as prostitutas oferecem algum tipo maior de segurança, no que concerne ao adultério. Lucílio destacava ser preferível recorrer às prostitutas ou prostitutos à mulheres casadas. Estas ofereciam um serviço *rectius multo | et sine flagitio* (fr. 29.80 = 866-7M). Em primeiro plano, destaca-se, em especial as prostitutas baratas, cujo não ofereciam riscos em dilapidar o patrimônio, cuja tradição leva-nos à Catão (Horácio S.1.2.28-36), a Plauto (Merc. 1015-1023) e Propércio (2.24) (vide Oliveira, 2009, pg. 29-30). Na Sátira de Horácio, Gorgônio desejava apenas mulheres casadas, já Rúfalo às prostitutas, e o poeta recorre à Catão (S1.1.2.33-35)

² Para compararmos a importância da prostituta na obra de Plauto basta observarmos a quantidade delas no quadro das personagens femininas, que conforme Ernout (*apud* Rocha, 2015, pg. 30), são: 4 *Ancilla* (escrava doméstica); 2 *anus* (escrava velha); 1 *anus ancilla* (escrava velha doméstica); 2 *fidicina* (tocadora de lira); 3 *lena* (rufiona); 2 *matrona* (matrona); 15 *meretrix* (prostituta); 8 *mulier* (mulher); 1 *nutrix* (nutriz); 1 *sacerdos* (sacerdotisa); 1 *tonstrix* (cabeleireira); 4 *uirgo* ('moça de família'); e 4 *uxor* (esposa).

*'nam simul ac uenas inflauit taetra libido,
huc iuuenes aequom est descendere, non alienas
permolere uxores.*

Não é uma assertiva estranha, senão que bem alicerçada e difundida na filosofia do *Carpe Diem*. Horácio não só aconselha a preferência por prostitutas do que mulheres casadas, indica antes a necessidade de se evitar certos tipos de prostitutas: a demasiada cara por provocar à dilapidação do patrimônio, a demasiada barata por não oferecer nenhuma honra no amor, e a procurar sobretudo às de preço módico, que tanto evitavam à perda de patrimônio, quanto a desonra (S.1.2.47), Salústio e Marseu são exemplos citados por Horácio, de homens que sob o jugo da moralidade de não tocarem em mulheres casadas, dilapidaram todo seus patrimônios com as prostitutas. Horácio expõe ainda outras diferenças entre amor de prostitutas, esposas e servas: sujeitos, a exemplo de Vílio, pegos em evidente flagrante pelo marido e dos males que daí se sucederam (S.1.2.43-47).

Sabendo-se que ofereciam mais segurança, eis como as prostitutas eram chamadas. Os nomes latinos eram *scortum* e *meretrix*. *Scortum*, como observa Adams, é a palavra que designa couro³, fato que pode ser conferido na poesia de Lucílio (73) e no *Eunuco* de Terêncio. *Meretrix*, por sua vez, tem como sentido semântico, mulher que ganha e paga, obviamente uma menção ao sistema de trocas aí envolvidos. *Scortum* não era nenhum vulgarismo. A diferença entre *Scortum* e *meretrix* era puramente pelo seu conteúdo emotivo (Adams, pg. 326). Contudo, outros nomes latinos também podem ser encontrados: *prostibula*, *puella*, *publica*, *amica* e *moecha* (Conceição, 2014, pg. 15; Adams, pg. 324). Adams (pg. 321) conta a existência de mais de 50 palavras com cargas semânticas variáveis a significar *meretrix*. Adams (pg. 326) recorda que Horácio prefere *meretrix* (10.2), mas também admite *scortum* (*Odes* 2.11.21); Ovídio refere-se apenas a *meretrix* por 7 vezes. *Scortum* pode ser encontrado em Lucílio (1271),

³ No *Satyricon* 138, surge a expressão *scortum fascinum* que pode ser traduzida como “pinto de couro, ou borracha”, “consolo de viúva” ou mesmo “consolado de couro”, e “dildo”. Expressão que Delfim Leão traduziu por “falo de couro”. Destaca-se aí a referência *couro* traduzido da palavra *scortum*. *Scortum* também designa homem prostituído; aliás, ainda hoje a expressão “furar o couro” é conhecidamente uma metáfora para o ato sexual.

Lucrécio (4.1274), Tibulo (3.16.4) e Juvenal (3.135). Catulo utiliza *scortum* e *scortillum* em 6.5 e 10.3, e *meretrix* em 110.7.

Conforme Catherine Salles (*apud* Conceição, 2014, Pg. 16) as prostitutas profissionais se originavam de três classes: a escrava liberta; a jovem que sustém a casa sob a tutela dos pais ou tutor; e a mulher casada ou viúva que sustinha a casa. Weisner (2014, pg. 2) assevera que a maioria eram escravas, visto que não tinham parentes do sexo masculino para proteger sua imagem social. Daí surgiam a figura dos proxenetes para controlarem suas vidas, como se vê no *Pseudolus* de Plauto. Contudo, Ackerman (2015, pg. 1) opta por reconhecer prostituta as mulheres que não eram escravas, mas aquelas que trabalhavam dentro da indústria do sexo. Em geral, a necessidade fazia-os prostitutas.

A pobreza extrema nos bairros periféricos era, de forma geral, a maior responsável pela existência de prostitutas em Roma. *Andria* de Terêncio (69-79) ilustra como a miséria empurrava muitas mulheres para a prostituição. A Subura era o principal bairro periférico e provedor de prostitutas, e aparece frequentemente citado em Marcial e Juvenal, bem como outros poetas. Por via de regra, os centros de prostituição da periferia romana eram frequentados por amantes desfavorecidos financeiramente: escravos, imigrados, bandidos – e mesmo jovens abastados, mas sem dinheiro (Conceição, 2014, pg. 18). Esse fato encontra-se atestado no *Poenulus* de Plauto (263-270). Havia contudo, em Roma, prostitutas caras. Nas ladeiras do Aventino podia-se encontrar prostitutas especializadas em dança e música, que podiam ser alugadas por dia, mês e até ano. A julgar pelos nomes de prostitutas que frequentavam o Aventino, Délia, Laís ou Taís, vê-se que aqui se situava a vida luxuosa e polida romana, bem à maneira da era de ouro grega (Conceição, 2014, 19).

A situação financeira desfavorável da maioria das prostitutas, obviamente, contribuiu para uma visão deturpada ou preconceituosa da classe – se é que temos liberdade para falar em “classe” no século I a.C. A poesia latina destaca em demasia as mazelas das prostitutas. Chega a ser um estereótipo de que viviam em glamour na sociedade, mas ataviadas de miséria e sugidade em casa (Oliveira, 2005, pg.31-32). Parmenão no *Eunuchus*, de Terêncio, dizia que fora de casa mostravam tão asseadas, tão elegantes, que ao cearem apenas beliscavam a comida; mas quando estão sós em casa, devoram pão

preto, sopa amanhecida, são esfomeadas, desprezíveis e sem classe. Mesmo as prostitutas do Aventino, que ostentavam elegância e modos de forma a não serem confundidas com as prostitutas da Subura, não escapavam desse estereótipo (Conceição, 2014, pg. 19-20). Em virtude da falta de prestígio, tal como os encontros extraconjugais acontecem, muitas prostitutas escondiam-se à espera de clientes discretos. No século I d.C. Vêmo-lo Marcial (*Mart.*1.34) dizer que as prostitutas pobres se ocultavam nos túmulos «*abscondunt spurcas et monumenta lupa*», diz o poeta – é que as prostitutas pobres e baratas costumavam esperar seus clientes junto aos túmulos que bordejavam as estradas de acesso às cidades. Aqui, prostituta em latim é *lupa*, e para Conceição (2014, pg. 14), a prostituta está no próprio mito da fundação de Roma: a loba que amamentou Rômulo e Remo, com base no que acredita-se à racionalização do mito, seria uma prostituta, já que *lupa* em latim pode ser ambas as coisas.

A par das mazelas está o desamor dessas mulheres. Como destacado na comédia plautina, na poesia a prostituta também apresenta-se enganadora e mentirosa. Catulo (*Carmen* 110) acusa Aufilena de mentir, por ter prometido fazer pelo que tinha recebido. Define um conjunto de regras que deve governar uma mulher: se é livre, pode prometer; se não é livre, não deve prometer. Depois afirma que receber dádivas e recusar-se é próprio das prostitutas «*meretrix*».

Como podia a prostituta, apesar da visão detratora, conseguir pretendentes? Lucílio e Lucrécio dá longas explicações dos sintomas do amor que já expusemos aqui ao princípio. Mas ainda há um elemento poderoso e capaz de mover verdadeiras barreiras, que também Ovídio partilha: a beleza do corpo. Ovídio nos *Amores* deixa implícito, apesar de qualquer sofrimento, a beleza sempre traz o amante de volta. Por isso, destaca Lucílio, a prostituta deve ser como Creteia, como quando faz serviço em casa e despe-se por livre e expotânea vontade, sem delongas. A nudez, aliás, é a forma como a mulher mostra-se enquanto boa mercadoria para o sexo. Lucílio (Fr. 4.10=174-6M e 29.78=859-860M), conforme ressalta Oliveira (2009, pg. 26) dá nos, a ideia de que uma prostituta pode ser inclusive apalpada e examinada, para ver se serve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autores clássicos

- C. A. André (2006). **Ovídio. Amores**. Lisboa: Cotovia.
- A. M. Cordeiro (2010). **Plauto. O Truculento**. Coimbra: CECH.
- P. B. Falcão (2008). **Horácio. Odes**. Lisboa: Cotovia, pg 45-123.
- G. G. Flores (2014). **Propercio. Elegias** Belo Horizonte: Autentica pg.194- 261.
- D. F. Leão (2006). **Petrônio. Satyricon**. Lisboa: Cotovia.
- A. L. Seabra; A. F. Castilho (1948). **Horácio-Ovídio, Sátiras-Os Fastos**. Rio de Janeiro-São Paulo- Porto Alegre, W. M. Jackson Inc., 1948.

Apoio Teórico

- N. Ackerman (2015) «The female prostitute in ancient Rome: na identity» **The Posthole the student-run archaeology jornal 46** pg. 1-7.
- J. N. Adams (S.D.). **Words for ‘prostitute’ in latin**. Manchester: p. 321-358.
- (1982), **The latin sexual dictionary**, Londres: Duckworth.
- C. A. André (2006). **Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do século I a. C.** Lisboa: Cotovia, 2006.
- B. M. V. Conceição (2014). **Aquelas que amam sem amar: as prostitutas nos textos literários e jurídicos romanos**. Juiz de Fora: Univ. Federal de Juiz de Fora (monog. policop.).
- F. Oliveira (2009). «Amor na sátira de Horácio e seus predecessores», M. H. R. Pereira; J. R. Ferreira; F. Oliveira (coord). **Horácio e a sua perenidade**. Coimbra: CECH. 21-53.
- C. M. Rocha (2015). **De linguado a lingua(ru)da: gênero e discurso das mulieres plautinae**. Campinas: Unicamp (Tese policop).
- L. Weisner (2014). «The Social Effect the Law had on Prostitutes in Ancient Rome» **Grand Valley Journal of History**.



A SUPOSTA PROFECIA MESSIÂNICA NA IV BUCÓLICA DE VIRGÍLIO

Adailson Campos Pereira [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: *Com base nas percepções controversas acerca da suposta profecia messiânica contida na IV Bucólica de Virgílio, este artigo, através de uma investigação bibliográfica, pondera a referência que esta Écloga faz a um menino e a concepção profética do nascimento do Messias aceita pelo Cristianismo. Tal reflexão põe em xeque a sustentação de que*